

## A EDUCAÇÃO PERMANENTE EM ENFERMAGEM: subsídios para a prática profissional<sup>a</sup>

Amarílis Schiavon PASCHOAL<sup>b</sup>

Maria de Fátima MANTOVANI<sup>c</sup>

Maria Ribeiro LACERDA<sup>d</sup>

### RESUMO

Em sua prática, o enfermeiro está em constante processo educativo. Para a conscientização desse fato, este necessita desenvolver suas ações com reflexão crítica, curiosidade, criatividade e investigação. Inseridas nesse processo estão a educação permanente, a continuada e a em serviço. Assim, esta reflexão teórica objetiva subsidiar as discussões da continuidade de capacitação dos profissionais de enfermagem, tendo em vista que, na graduação, há exigência no sentido de formar profissionais críticos, reflexivos e competentes em aprender a aprender. Assume-se aqui que a importância da educação permanente se efetiva na busca de propostas educativas que motivem ao autoconhecimento, aperfeiçoamento e atualização.

**Descritores:** Educação continuada em enfermagem. Prática profissional. Enfermagem.

### RESUMEN

*En su práctica, el enfermero está un constante proceso educativo. Para que se concientice de este hecho debe desarrollar sus acciones con reflexión crítica, curiosidad, creatividad e investigación. Como parte de este proceso se encuentran la educación permanente, la continua y la en servicio. Por este motivo, esta reflexión teórica tiene como meta ofrecer herramientas para las discusiones sobre la continuidad de la capacitación de los profesionales de enfermería, teniendo en mente que la formación de grado exige formar profesionales críticos, reflexivos y competentes en aprender a aprender. Se asume aquí que la importancia de la educación permanente se concretiza en la búsqueda de propuestas educativas que motiven al auto-conocimiento, el perfeccionamiento y la actualización.*

**Descriptor:** Educación continua en enfermería. Práctica profesional. Enfermería.

**Título:** La educación permanente en enfermería: subsidio para la práctica profesional.

### ABSTRACT

*In their practice, nurses are in constant educational process. To become aware of this process, they need to perform their actions with critical reflection, curiosity, creativity, and investigation by means of permanent, continuing and in-service education. Thus, this theoretical reflection aims at supporting discussions relative the continuity of nurses' professional training, keeping in mind that undergraduate Nursing students are expected to become critical, reflective, and competent professionals in learning how to learn. The assumption is that the importance of permanent education is realized in the search of educational proposals that encourage self-knowledge, improvement, and modernization.*

**Descriptors:** Education, nursing, continuing. Professional practice. Nursing.

**Title:** Permanent education in nursing: support for professional practice.

<sup>a</sup> Estudo apresentado na disciplina "Enfermagem e sua Prática Profissional", do curso de Mestrado em Enfermagem da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

<sup>b</sup> Enfermeira, diretora do Centro de Educação Profissional Evangélico, coordenadora do Curso de Enfermagem da Faculdade Evangélica do Paraná, membro do Grupo de Estudos Multiprofissional em Saúde do Adulto (GEMSA), Mestre em Enfermagem pela UFPR, pós-graduada em Metodologia do Ensino Superior.

<sup>c</sup> Professora adjunta do Departamento de Enfermagem da UFPR, coordenadora do GEMSA, Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>d</sup> Professora adjunta do Departamento de Enfermagem da UFPR, coordenadora do Núcleo de Estudos, Pesquisa e Extensão do Cuidado Humano e da Enfermagem (NEPECHE), doutora em Enfermagem pela UFSC.

## 1 INTRODUÇÃO

A educação dos profissionais de enfermagem merece maior atenção, uma vez que há necessidade de preparar as pessoas para as mudanças no mundo e no contexto do trabalho, procurando-se conciliar as necessidades de desenvolvimento pessoal e grupal com as da instituição e as da sociedade.

Ao identificar as atividades desenvolvidas pelos profissionais de enfermagem no desempenho de suas funções, verifica-se a necessidade de reafirmar a questão educativa como compromisso com o crescimento pessoal e profissional, visando a melhorar a qualidade da prática profissional. Também, constata-se que, no contexto da formação e do desenvolvimento profissional, tal questão pode ser percebida sob diferentes vertentes, tais como: educação permanente, educação em serviço e educação continuada.

Assim, compreende-se que a formação profissional de qualidade deve ter sólida base de formação geral, que não se completa na escola, mas sim dentro do processo evolutivo do ser humano, por meio da educação permanente. Desse modo, ocorre a complementação para a formação integral do indivíduo.

Evidencia-se também, nesse contexto, a educação em serviço, entendendo-se que, nas instituições, ela não é atividade e responsabilidade de um grupo específico, e sim de todos os envolvidos nesse processo, com a missão de criar espaços, propor estratégias e alocar recursos para que os profissionais dominem as situações, a tecnologia e os saberes de seu tempo e de seu ambiente, de forma que isso lhes possibilite o pensar e a busca de soluções criativas para os problemas. Ainda, inserida nesse processo educativo encontra-se a educação continuada, compreendida aqui como atividades de ensino desenvolvidas após a graduação, objetivando a atualização e a reciclagem.

Frente ao que se expôs e segundo a experiência profissional das autoras deste estudo – que atuam como docentes em instituições que contemplam unidades de saúde, de ensino profissionalizante e superior e hospital-escola que, dentre inúmeras funções, visa à obtenção de condições favoráveis ao desenvolvimento profissional, para a melhoria da qualidade dos serviços prestados, assim como à integração entre academia e ser-

viço –, observou-se a necessidade de prosseguir com os estudos dos profissionais de enfermagem, tendo em vista a aquisição da competência profissional quanto à relação entre teoria e prática, a humanização do cuidado e a constante busca pelo conhecimento da enfermagem.

Cabe esclarecer que se entende competência profissional como um conceito político-educacional abrangente, um processo de articulação e mobilização gradual e contínua de conhecimentos gerais e específicos, de habilidades teóricas e práticas, de hábitos e atitudes e de valores éticos, que possibilita ao indivíduo o exercício eficiente de seu trabalho, a participação ativa, consciente e crítica no mundo do trabalho e na esfera social, além de sua efetiva auto-realização<sup>(1)</sup>.

A partir disso, neste estudo, pretende-se refletir sobre a questão da educação permanente na enfermagem e suas conseqüências no desenvolvimento da prática profissional consciente e responsável. Compreende-se que fazem parte desse processo a educação permanente, a em serviço e a continuada. Espera-se demonstrar a importância e a necessidade de encontrar propostas educativas que motivem a busca do autoconhecimento, do aperfeiçoamento e da atualização, de forma a levar ao aumento da competência e da valorização pessoal e profissional, bem como contribuir para a melhoria da assistência prestada ao cliente, à comunidade e às instituições onde atuam os profissionais de enfermagem e, conseqüentemente, para uma prática profissional de qualidade.

## 2 CONCEPÇÕES TEÓRICAS

Algumas considerações são importantes para refletir sobre a relação educação-prática profissional. Primeiramente, deve-se entender o que é prática profissional; qual é a dominante; qual é a essência dessa prática; como vem ocorrendo a atuação do profissional em sua prática e por quê; quais são as dificuldades de trabalhar, visando ao processo educativo; e como transformar a prática, por meio da educação permanente, em busca da identidade e da competência profissional.

A história mostra que a enfermagem fundamentou-se na caridade, na religiosidade, na intuição e na submissão ao saber médico, sendo prática rotineira e mecanicista. Ainda hoje, a enfermagem é fortemente influenciada pela visão

cartesiana do homem, caracterizada pela separação entre corpo e alma, e pelo modelo biologicista, com pouca preocupação no que se refere a outros fatores que interferem no estado de saúde e doença das pessoas, como os emocionais, psicológicos e sociais. Atualmente, muitas críticas são feitas ao exercício dessa prática delimitada por velhos paradigmas, condicionada ao biologismo e à fragmentação do indivíduo, e que é ainda dominante.

O processo de trabalho em enfermagem também sofre essa influência cartesiana, pois a assistência é fragmentada, a responsabilidade pelo planejamento e gerenciamento do cuidado é do enfermeiro e a execução dos procedimentos é realizada pelos técnicos e auxiliares. A divisão técnica é uma característica do processo de trabalho na enfermagem, no qual a prática é parcelada em tarefas, procedimentos e responsabilidades, entre seus agentes. Por conseguinte, a prática de enfermagem não tem sido exercida em sua totalidade pelo enfermeiro, identificando-se, dessa maneira, uma crise na enfermagem, caracterizada pelo afastamento do enfermeiro de seu objeto de trabalho, ou seja, o cuidado de enfermagem. O enfermeiro passou a gerenciar o processo de trabalho, que foi subdividido entre o pessoal auxiliar, representado geralmente por trabalhadores alienados ao processo de trabalho<sup>(2)</sup>.

A partir dessas considerações e compreendendo a complexidade do trabalho em enfermagem, uma vez que nele estão envolvidas ações gerenciais, assistenciais e educativas<sup>(2)</sup>, entende-se que cabe ao enfermeiro prestar assistência ao indivíduo sadio ou doente, à família ou comunidade, no desempenho de atividades de prevenção, promoção, recuperação e reabilitação. Sendo assim, a prática profissional é a aplicação dos conhecimentos técnico, científico e comportamental adquiridos na formação, em vista da prevenção à doença e promoção, recuperação, reabilitação e manutenção da vida. É comprometida com o atendimento das necessidades do paciente e sua família, da comunidade, da equipe de enfermagem e multiprofissional e das instituições onde se desenvolve e deve estar compromissada com a atividade de educar e cuidar. Esse compromisso aumenta, à medida que o enfermeiro compreende a importância de seu trabalho, a dimensão transformadora de sua ação educadora, a importância social, cultural e política de sua prática profissional<sup>(3)</sup>.

Dessa forma, a prática profissional requer profunda e permanente percepção de seu propósito e sua direção, de um espaço específico de objetivos e critérios, o que demanda envolvimento, motivação, compromisso, responsabilidade, autonomia e colaboração de todos os envolvidos em sua produção.

Há tendência de seguir modelos de práticas profissionais, e isso se deve, em parte, à insegurança teórica dos profissionais de enfermagem, que tem dificultado a crítica dos paradigmas vigentes e a construção de modelos alternativos<sup>(4)</sup>. Existe necessidade de fortalecer o enfoque humanístico nos currículos de enfermagem, valorizando a interdisciplinaridade, formando um profissional atuante, crítico e preparado cientificamente, a fim de poder relacionar teoria e prática em seu processo de trabalho, posto que isso leva ao desenvolvimento técnico-científico da profissão.

Nesse contexto complexo, deve-se repensar a prática profissional da enfermagem, a qual, tendo em vista os meios sofisticados de uma tecnologia triunfante e veloz, requer raciocínio rápido, agilidade, mobilidade e desenvoltura dos profissionais<sup>(5)</sup>, sendo que:

precisamos teorizar nossa prática, pensar, refletir nossas ações do/no cuidado e fundamentá-las. Por isso, a importância e a necessidade de envolver e sensibilizar cada vez mais os enfermeiros para a pesquisa como modo de estar sempre em permanente renovação<sup>(6,241)</sup>.

A prática profissional da enfermagem traduz-se pelo cuidado (que pode ser o cuidado como ação), ensino do cuidado e por gerenciar o cuidado<sup>(7)</sup>. Nesse sentido, a enfermagem é a arte de cuidar e de ensinar a cuidar<sup>(8)</sup>.

Entender o cuidado e como ele é inserido na enfermagem tem sido preocupação que leva os profissionais a tentar compreender a abrangência da extensa amplitude do cuidado. O cuidado é natural da espécie humana, faz parte de seu perceptível como humano, mas também faz parte das ações práticas do profissional de enfermagem, pois “ambos têm nascedouro comum e uma intercessão de cuidado humano e cuidado de enfermagem, que se dá quando a enfermeira incorpora o cuidado humano e o decodifica em atividades e atitudes profissionais”<sup>(9:21)</sup>.

Na educação, o cuidado deve ser visualizado como eixo principal na elaboração dos currículos, porque tudo gira em torno da prática do cuidar, não somente a construção do conhecimento profissional, como também o envolvimento em todas as atividades docentes, discentes e administrativas da escola<sup>(10)</sup>.

O cuidado é visto, ao mesmo tempo, como elemento a ser investigado e elemento de investimento, uma vez que não se ensina com receitas, manual de técnicas, mas sim oferecendo modelos para reflexão na ação do cuidado e procurando atuar em uma realidade, pois o cuidado é um comportamento interativo, que é construído por meio das experiências vivenciadas pelos indivíduos envolvidos nele. É uma forma de relacionar-se e respeitar o outro integralmente.

No exercício de sua profissão, o enfermeiro enfrenta várias dificuldades que o afastam do cuidar, como: o modelo que a instituição quer que ele assuma, o qual lhe determina espaços administrativos que muitas vezes não contemplam a coordenação da assistência ao paciente; o cuidado gerencial; ou a acumulação de atividades burocráticas, que o distancia do paciente, dificultando seu desempenho no cuidado como ação direta ao paciente ou no ensino do cuidado ao paciente e a sua família e à equipe de enfermagem. Assim, entende-se que a competência do enfermeiro está na essência da profissão, no cuidado, na complexidade de saberes, e não na quantidade de atividades desenvolvidas por ele.

Outro fator importante para o afastamento do enfermeiro do cuidado direto com o paciente está na insegurança de prestar cuidados, a qual decorre de formação deficiente, em que ensino e prática são vistos separadamente, sem relação entre ambos. Muitas vezes, falta na formação dos futuros profissionais uma máxima que diz: aprende-se a enfermagem, cuidando-se, e ensina-se enfermagem, ensinando-se o cuidado<sup>(8)</sup>.

As atividades profissionais no campo da prática devem ser entendidas como eixo integrador para onde convergem os conteúdos teóricos, que se concretizam nas situações reais, havendo uma retro-alimentação dinâmica. Os desafios do cotidiano geram tensão e impulsionam para a busca, criatividade e tomada de decisão em direção ao alcance de soluções, para o que as experiências anteriores servem de respaldo teórico-prático. Es-

se processo reflete a reflexão-ação-reflexão, que constitui a práxis profissional, mediante a interligação do pensar e do fazer<sup>(11)</sup>.

No entanto, a realidade mostra-se diferente, pois o cuidar em enfermagem não tem sido exercido em toda sua extensão pelo enfermeiro. A dicotomia entre teoria e prática, a divisão do trabalho entre os diferentes membros da equipe e o desvio de sua real função como exigência da instituição fazem com que o enfermeiro se distancie de seu espaço ou tenha dificuldade de conquistá-lo<sup>(12)</sup>.

O cuidado não pode ser pensado sem um referencial teórico-filosófico explicitado, fruto de reflexões pessoais e coletivas dos enfermeiros<sup>(13)</sup>. Para que se conquiste essa relação do enfermeiro com sua prática, é preciso uma base teórica que alimente a prática, por meio da pesquisa, que se torna construção do conhecimento da enfermagem, e que, em contrapartida, sustenta a prática, e assim sucessivamente, num círculo: prática, pesquisa, teoria. A fundamentação teórica é ferramenta básica para as intervenções da enfermagem<sup>(14)</sup>.

Considerando-se que, na prática profissional de enfermagem, ocorre uma divisão de trabalho e que essa divisão interna origina duas modalidades no trabalho da enfermagem: o trabalho auxiliar, desenvolvido pelos técnicos, auxiliares e outras categorias da enfermagem; e as atividades de ensino, supervisão e administração, desenvolvidas pelos enfermeiros<sup>(15)</sup>, verifica-se que existe uma rígida divisão do trabalho do enfermeiro e do trabalho auxiliar, pois há fragmentação entre os momentos de concepção e execução do cuidado. Quem executa o cuidado de enfermagem não participa diretamente de seu planejamento, embora forneça informações diárias sobre as observações e as intervenções executadas, material que colabora na fundamentação do planejamento.

A complexidade existente no trabalho da enfermagem é devida ao envolvimento das ações gerenciais, assistenciais e educativas, portanto, as atividades de gerência do cuidado e da unidade estão implícitas no cotidiano do trabalho, e acabam ocasionando constantes interrupções das atividades do enfermeiro. Sendo assim, ele deve buscar, por meio da competência profissional, modos de atuação condizentes com a realidade que se encontra, mas sem se distanciar do compromisso assumido diante de sua profissão, pois, no processo de

trabalho, estão presentes os mecanismos de reprodução de rígida hierarquia, os quais limitam a possibilidade de democratização do saber. Preparado para ocupar cargos de chefia nos serviços de saúde, treinamento e supervisão de pessoal, o enfermeiro afasta-se de seu objeto de trabalho – o cuidar em enfermagem –, iniciando o processo de marginalização de seu espaço profissional<sup>(3)</sup>.

Diante disso, entende-se que a competência do enfermeiro não abrange apenas ter conhecimento e saber utilizá-lo nas situações que se apresentam. Mais do que isso, competência é a interação de habilidades interpessoais e técnicas com pensamento crítico. Para ser competente, é necessário desenvolver as capacidades do saber, saber-fazer, saber ser e estar e saber interagir, entendendo-se o saber como conhecimento, saber-fazer como conhecimento e ação, saber ser e estar como postura ética e saber interagir como capacidade de socialização, de influência no meio em que se está inserido<sup>(16)</sup>.

Nesse contexto, “o enfermeiro é um educador em assuntos de saúde. Não tem como desenvolver suas funções sem realizar atividades educativas junto ao paciente, seus familiares e ao pessoal de enfermagem”<sup>(17:108)</sup>, sendo que educar é conduzir o indivíduo, sem prejuízo de sua iniciativa e liberdade, e valorizar as pessoas como seres humanos.

A educação é concebida como fenômeno social e universal, sendo atividade humana necessária à existência e ao funcionamento de toda a sociedade, posto que cada sociedade precisa cuidar da formação de seus indivíduos, auxiliar no desenvolvimento de suas capacidades físicas e espirituais e prepará-los para a participação ativa e transformadora nas várias instâncias da vida social<sup>(18)</sup>. Apesar disso, a educação não é apenas exigência da vida em sociedade, é também o processo para prover os sujeitos do conhecimento e das experiências culturais, científicas, morais e adaptativas que os tornam aptos a atuar no meio social, mundial e planetário. Desse modo, ela depende da união dos saberes, corresponde a toda modalidade de influências e inter-relações que convergem para a formação de traços de personalidade social e do caráter, implicando uma concepção de mundo, ideais, valores e modos de agir, que se traduzem em convicções ideológicas, morais, políticas, princípios de ação frente a situações e desafios da vida prática.

A educação implica busca contínua do homem em ser mais, portanto, “o homem deve ser sujeito de sua própria educação, não pode ser objeto dela”<sup>(19:28)</sup>. Ele deve ser ativo na construção de seu saber e recusar as posições passivas. Nesse sentido, o homem responsabiliza-se por sua educação, procurando meios que levem ao crescimento e aperfeiçoamento de sua capacidade.

A educação transforma a prática social de maneira indireta, pois age sobre os sujeitos dessa prática, portanto, a educação é uma atividade mediadora entre o indivíduo e a sociedade<sup>(20)</sup>. Dessa maneira, a educação desenvolve-se no sujeito, e ele, por meio de seu conhecimento, age e transforma o meio em que vive. Assim, percebe-se a educação como processo dinâmico e contínuo de construção do conhecimento, por intermédio do desenvolvimento do pensamento livre e da consciência crítico-reflexiva, e que, pelas relações humanas, leva à criação de compromisso pessoal e profissional, capacitando a pessoa para a transformação da realidade em que vive.

O enfermeiro, em sua prática, está em constante processo educativo, entretanto, para torná-lo consciente desse fato, é necessário haver no desenvolvimento de suas ações a reflexão crítica, a curiosidade, a criatividade e a investigação. A aquisição disso é possível por meio da educação permanente do indivíduo, na qual ele desenvolve a habilidade de aprender a aprender.

A educação em enfermagem deve garantir ao futuro profissional o conhecimento essencial à prática terapêutica em todos seus níveis. Assim, deve promover as capacidades intelectuais e as competências para a investigação, avaliação crítica do exercício profissional e dos planos de ação política, como a valorização dos princípios humanos e da cidadania. É de suma importância, para o processo de ensino-aprendizagem, que a prática se realize confirmando a teoria e não a contradizendo, como se tem vivenciado<sup>(17)</sup>. Nesse contexto, entende-se que a teoria vem da prática e fundamenta essa prática, assim como a prática é fundamentada pela teoria.

Sabe-se da dicotomia existente entre escola e academia e serviço e prática, a qual é reforçada pela dificuldade de se estabelecer a integração entre o conhecimento teórico e as situações práticas vivenciadas, que exigem a aplicação rápida do conhecimento teórico, acrescido do conhecimento

prático ou pessoal. A habilidade de integrar a teoria com as situações do cotidiano exige aproximação, relacionamento, comunicação e compreensão desse processo por parte do enfermeiro. Essa talvez seja a maior dificuldade que o enfermeiro enfrenta ao trabalhar com a educação em serviço, pois, como visto, ele mantém-se afastado das ações do cuidado, desenvolvendo atividades administrativas burocráticas, sem interagir com a realidade do cuidado.

Nesse contexto, a educação em serviço na enfermagem é visualizada como objeto de transformação do processo de trabalho, que é o cuidar, partindo da reflexão sobre o que está acontecendo no serviço e sobre o que precisa ser transformado. Neste estudo, considera-se que a educação em serviço, entendida como processo educativo a ser aplicado no interior das relações humanas do trabalho, tem como intuito desenvolver capacidades cognitivas, psicomotoras e relacionais dos profissionais, levando-os a melhorar sua competência e ter maior satisfação no trabalho, com a valorização profissional e institucional.

A importância da educação em serviço para a enfermagem é vista como sendo um esteio para a assistência eficaz ao paciente, pois, por meio de “um processo educativo atualizado e coerente com as necessidades específicas da área, ela mantém o seu pessoal valorizado e capaz de apresentar um bom desempenho profissional<sup>(17:88)</sup>. Neste contexto apontam-se quatro áreas de atuação da educação em serviço: orientação ou introdução ao trabalho; treinamento; atualização, reciclagem ou educação continuada; e aperfeiçoamento, aprimoramento ou desenvolvimento.

Dessa forma, compreende-se que a educação em serviço pode ser desenvolvida por meio da educação continuada, que englobaria as atividades de ensino após o curso de graduação ou o curso profissionalizante, com finalidades mais restritas de atualização, aquisição de novas informações, atividades de duração definida e por meio de metodologias tradicionais<sup>(21)</sup>.

Na organização dos projetos sobre educação continuada na enfermagem, devem-se considerar prioritários os programas de inclusão, atualização, treinamento, pós-graduação, pesquisa, eventos, produção, gerência e integração docência-assistência – todos conduzidos e fundamentados no cuidado humano e no cuidado profissio-

nal da enfermagem. Para haver efetiva educação continuada, necessita-se direcioná-la a um desenvolvimento global de seus integrantes e da profissão, tendo como meta a qualidade da assistência de enfermagem. Essa tarefa não se resume a ensinar, pois engloba desenvolver com o pessoal de enfermagem a consciência crítica e a percepção de que é capaz de aprender sempre e buscar, em sua vida profissional, situações de ensino-aprendizagem.

De acordo com a Organização Panamericana da Saúde (OPS), a educação contínua é um “processo dinâmico de ensino-aprendizagem, ativo e permanente, destinado a atualizar e melhorar a capacidade de pessoas, ou grupos, face à evolução científico-tecnológica, às necessidades sociais e aos objetivos e metas institucionais”<sup>(22:24)</sup>.

Considerando-se a exposição feita sobre educação continuada, percebe-se que ela está contemplada no interior da educação permanente, pois a educação permanente ocorre durante a formação do indivíduo pelo desenvolvimento da capacidade de aprender a aprender, da conscientização do processo de trabalho e de seu processo de viver.

A educação permanente, mais do que atualização, é um compromisso pessoal a ser aprendido, conquistado com as mudanças de atitudes que emergem das experiências vividas, mediante a relação com os outros, com o meio, com o trabalho, na busca da transformação pessoal, profissional e social<sup>(23)</sup>.

Para o desenvolvimento da prática da enfermagem, há necessidade de investimento na qualificação do profissional. O enfermeiro precisa estar preparado para atingir, desenvolver e ampliar sua competência técnica, crítica e interativa, tanto no ensino formal de enfermagem como nos processos de educação permanente, de forma a adquirir assim a capacidade de aprender a aprender e de aprender a conviver.

A diversidade de informações recebidas pela rápida evolução do mundo, bem como a ampla gama de necessidades de conhecimento nas mais diversas áreas profissionais, leva à constatação de que é difícil para a educação formal garantir adequada formação do indivíduo. Outro fator que dificulta a educação permanente é a própria formação do enfermeiro, a partir de currículos caracterizados pelo modelo biomédico e baseados nas concepções cartesianas e no biologicismo.

Essa realidade tende a mudar, em decorrência das Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem, elaboradas pelo Conselho Nacional de Educação, Câmara do Ensino Superior, em 2001, após a aprovação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96)<sup>(24)</sup>. Na LDB foram extintos os currículos mínimos dos cursos de graduação e preconizadas as competências como aspecto fundamental na conformação dos projetos pedagógicos e seus currículos, que agora norteiam a formação de novos profissionais de enfermagem no Brasil.

As Diretrizes Curriculares, que tencionam apontar outro direcionamento à formação do enfermeiro, são orientações gerais para as instituições de ensino superior e buscam ajudá-las a alcançar seu objetivo, que é levar os alunos dos cursos de graduação em saúde a aprender a aprender, o que engloba aprender a ser, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a conhecer. Também, elas objetivam capacitar profissionais para assegurar a integridade da atenção e a qualidade e humanização do atendimento prestado aos indivíduos, às famílias e comunidades.

Nos cursos de graduação, deve-se buscar não somente desenvolver conhecimentos, habilidades e atitudes indispensáveis à profissão, mas também promover o preparo do enfermeiro como cidadão, para atuar como crítico social. O papel do professor de enfermagem, dessa forma, é muito importante, pois, além de organizar e desenvolver um ensino técnico e científico, ele deve integrar conteúdos e experiências que favoreçam a formação do enfermeiro cidadão competente e crítico.

Isso somente ocorrerá com a aplicação da consciência crítica, pois com ela se avança para a busca da cidadania profissional comprometida com a transformação social e por meio dela o compromisso com a educação permanente torna-se primordial para que ocorram as mudanças de comportamento em relação à enfermagem e aos profissionais que atualmente a desempenham. Assim se determina o crescimento da enfermagem, sua evolução como ciência e arte e, conseqüentemente, sua valorização.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A contribuição da educação permanente na prática profissional evidencia-se por meio das ati-

tudes que o profissional assume enquanto cuida, dentre as quais está o compromisso firmado consigo mesmo, mediante a motivação pela busca do autoconhecimento, do aperfeiçoamento e da atualização, e prevendo melhorar o cuidado prestado ao cliente e à comunidade. A educação permanente leva ao entendimento de que o indivíduo deve ter no auto-aprimoramento uma meta a ser seguida por toda sua vida. Na enfermagem, a busca pela competência, pelo conhecimento e pela atualização é essencial para garantir a sobrevivência tanto do profissional quanto da própria profissão.

Existe necessidade de buscar a participação de todos os envolvidos nas questões educativas na enfermagem: educadores, educandos, instituições, contexto social, político, econômico e outros, para que, em sua relação de troca, indispensável à prática profissional, alcance-se o desenvolvimento pessoal e profissional. Precisa-se estimular a superação do sentimento de descrença que impede o esforço para a concretização de mudanças com relação à educação permanente na enfermagem. O primeiro passo em direção a essa mudança é acreditar que ela é possível, construída gradativamente e, ainda, reconhecê-la como infinita. Então, caracteriza-se como um processo que acontece sob a influência das interações com o indivíduo, com o grupo social, com o ambiente e a organização.

Nesse contexto, visualiza-se a educação permanente, compreendida como constante busca pelo aprender, como uma das ações que possibilitam o desenvolvimento desse processo de mudança, visando à qualificação profissional da enfermagem e conseqüentemente à realização da prática profissional competente, consciente e responsável.

### REFERÊNCIAS

- 1 Ministério da Saúde (BR). Projeto de profissionalização dos trabalhadores da área de Enfermagem. Formação 2001;(2):5-15.
- 2 Almeida MCP, Rocha SMM. O trabalho de enfermagem. São Paulo: Cortez; 1997.
- 3 Duarte MJRS. O compromisso social e o espaço profissional do enfermeiro. In: Santos I. Enfermagem fundamental, realidade, questões, soluções. São Paulo: Atheneu; 2001. p. 111-22.

- 4 Rizzotto MLF. História da enfermagem e sua relação com a saúde pública. Goiânia: AB; 1999.
- 5 Sá LD. E a enfermagem no século XXI? Revista Brasileira de Enfermagem 1999;52(3):375-84.
- 6 Santiago LC, Silva ALAC, Tonini T. Semiologia: teorias e tecnologias do/no cuidado com o corpo. In: Santos I. Enfermagem fundamental, realidade, questões, soluções. São Paulo: Atheneu; 2001. p. 227-44.
- 7 Kirchhof ALC. O trabalho da enfermagem: análise e perspectivas. Revista Brasileira de Enfermagem 2003; 56(6):669-73.
- 8 Carvalho V. Cuidando, pesquisando e ensinando: acerca de significados e implicações para a prática da enfermagem. Revista Latino-Americana de Enfermagem 2004;12(5):806-15.
- 9 Lacerda MR. Tornando-se profissional no contexto domiciliar: vivência de cuidado da enfermeira [tese de Doutorado]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina; 2000. 222 f.
- 10 Pereira RCJ. Refletindo e escrevendo sobre as experiências vivenciadas no contexto da escola e do cuidado. In: Waldow V. Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar: a enfermagem entre a escola e a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995. p. 135-49.
- 11 Pereira RCJ, Galperim MRO. Cuidando-ensinando-pesquisando. In: Waldow V. Maneiras de cuidar, maneiras de ensinar: a enfermagem entre a escola e a prática profissional. Porto Alegre: Artes Médicas; 1995. p. 189-203.
- 12 Waldow VR. Cuidado humano: o resgate necessário. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto; 1998.
- 13 Leopardi MT, Gelbcke FL, Ramos FRS. Cuidado: objeto de trabalho ou objeto epistemológico da enfermagem? Texto e Contexto: Enfermagem 2001;10 (1):32-49.
- 14 Cegano D, Siqueira HCH, Vaz MRC. Falando sobre pesquisa, educação e saúde na enfermagem. Revista Gaúcha de Enfermagem 2005;26(2):154-60.
- 15 Peduzzi M, Anselmi ML. O processo de trabalho de enfermagem: a cisão entre o planejamento e execução do cuidado. Revista Brasileira de Enfermagem 2002; 55(4):392-8.
- 16 Lopes A, Nunes L. Acerca da trilogia: competências profissionais: qualidade dos cuidados: ética. Nursing (Ed. Portuguesa) 1995;8(90/91):10-3.
- 17 Dilly CML, Jesus MCP. Processo educativo em enfermagem: das concepções pedagógicas à prática profissional. São Paulo: Robe; 1995.
- 18 Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo: UNESCO/Cortez; 2002.
- 19 Freire P. Educação e mudança. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2001.
- 20 Saviani D. Escola e democracia: teoria da educação, curvatura da vara: onze teses sobre educação e política. 18ª ed. São Paulo: Cortez; 1987.
- 21 Ribeiro ECO, Motta JJJ. Educação permanente como estratégia na reorganização dos serviços de saúde. Divulgação em saúde para Debate 1996; (12):1-12.
- 22 Oguisso T. A educação continuada como fator de mudanças: visão mundial. Nursing (São Paulo) 2000; 3(20):22-9.
- 23 Paschoal AS. O discurso do enfermeiro sobre educação permanente no grupo focal [dissertação de Mestrado em Enfermagem]. Curitiba: Universidade Federal do Paraná; 2004. 113 f.
- 24 Conselho Nacional de Educação (BR). Resolução 03, de 07 de novembro de 2001: Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem. Brasília (DF); 2001.

---

**Endereço da autora/Author's address:**

Maria de Fátima Mantovani  
Rua Rio Iriri, 20, Bloco 1, Aptº 21  
Bairro Alto/Atuba  
82.840-310, Curitiba, PR.  
E-mail: [mantovan@ufpr.br](mailto:mantovan@ufpr.br)

Recebido em: 06/07/2005

Aprovado em: 15/03/2006